



Identidade formativa em Ontoterapia

Ângelo Accorsi ¹

Resumo: O olhar neste estudo se dedica a pensar sobre a formação em psicoterapia, especificamente a formação de ontoterapeutas. O objetivo geral é caracterizar a identidade formativa em Ontoterapia a partir da análise do processo histórico formativo de ontoterapeutas e da proposta de formação de Antonio Meneghetti. A presente pesquisa é um estudo de abordagem qualitativa e interpretativa. Realizou-se uma pesquisa documental e bibliográfica relacionada às atividades empreendidas por Meneghetti quanto à formação de ontoterapeutas; bem como entrevistas com ontoterapeutas em atuação no Brasil e no exterior. A análise permitiu caracterizar o percurso formativo em Ontoterapia, evidenciando a complexidade dessa formação, sua importância para a continuidade da proposta ontopsicológica e os desafios inerentes ao fato de não existirem escolas para a formação específica em Ontoterapia. A pesquisa recobre-se, ainda, de relevância social, pois traz contribuições à formação de novas gerações de ontoterapeutas e à continuidade dessa prática clínica.

Palavras-chave: Ontopsicologia; Ontoterapia; Formação de Psicoterapeutas.

Training identity in ontotherapy

Abstract: This study focuses on thinking about psychotherapy training, specifically the ontotherapists' training. The general objective is to characterize the training path in Ontotherapy based on the analysis of ontotherapists' historical training process and on the training proposal by Antonio Meneghetti. The present study has a qualitative and interpretative approach. We carried out a documentary and bibliographical research related to the activities undertaken by Meneghetti on ontotherapists' training; as well as interviews with ontotherapists performing in Brazil and abroad. The analysis allowed us to characterize the training path in Ontotherapy, showing the complexity of such training, its importance to continue with the ontopsychological proposal and the challenges inherent to the fact that there are no schools specifically for Ontotherapy training. The study is also socially relevant, as it contributes to the training of new generations of ontotherapists and to the continuity of this clinical practice.

¹ Doutor em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUCSP (2019). Mestre em Psicologia Social na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul PUCRS (2011). Especialista em Psicologia com abordagem em Ontopsicologia na Universidade Estadual de São Petersburgo UESP Rússia (2011). Graduado em Psicologia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos UNISINOS (2003). angeloaccorsi@terra.com.br

Keywords: Ontopsychology; Ontotherapy; Psychoterapists' training.

Identidad formativa en ontoterapia

Resumen: La perspectiva de este estudio se dedica a pensar sobre la formación en psicoterapia, específicamente la formación de ontoterapeutas. El objetivo general es caracterizar la identidad formativa en Ontoterapia analizando el proceso histórico formativo de ontoterapeutas y de la propuesta de formación de Antonio Meneghetti. La presente investigación es un estudio de abordaje cualitativo e interpretativo. Se llevó a cabo una investigación documental y bibliográfica relacionada con las actividades emprendidas por Meneghetti con respecto a la formación de ontoterapeutas, como también entrevistas con profesionales que actúan en Brasil y en el extranjero. El análisis permitió caracterizar el recorrido formativo en Ontoterapia, revelando la complejidad de esta formación, su importancia para la continuidad de la propuesta ontopsicológica y los desafíos inherentes al hecho de que no existan escuelas con formación específica en Ontoterapia. La investigación tiene, además, relevancia social, puesto que incluye aportes para la formación de nuevas generaciones de terapeutas y para que esta práctica clínica continúe.

Palabras clave: Ontopsicología; Ontoterapia; Formación de Psicoterapeutas.

Introdução

A Ontopsicologia abre um novo horizonte às ciências na contemporaneidade. É uma proposta humanista cuja finalidade é estabelecer o nexos entre o Eu lógico-histórico e o Em Si ôntico. Ela parte da compreensão de que o humano é fundado por uma ordem apriórica (Em Si ôntico). A tarefa da psicoterapia de orientação ontopsicológica, ou Ontoterapia, é propiciar o nexos entre a instância responsável pela tomada de decisão consciente, o Eu lógico-histórico, e o projeto de natureza que é o primeiro real do humano. Dessa forma, o ontoterapeuta é operador do nexos ontológico. Ele atua no processo de revisão do Eu consciente. Auxilia o cliente a romper com a monocultura diádica² e a reelaborar seus

² “Monocultura” refere-se a um modo fixo, um modo de pensar sempre fijo; “Cultura”, por sua vez, significa hábito, estereótipo, costume, tradição, convenção, moral. Por monocultura diádica, entende-se o modo de educação vivido

modelos de comportamento a partir da intencionalidade da sua identidade de natureza.

O presente artigo nasce a partir da tese de doutorado em Psicologia Clínica deste autor, realizada junto à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob o título *Psicoterapia Ontopsicológica: a formação do ontoterapeuta*, e se dedica a ampliar e aprofundar aspectos discutidos nesta ulterior publicação, detendo-se principalmente naquilo que denominamos **identidade formativa em ontoterapia** (ACCORSI, 2021). Tomando como ponto de partida o construto teórico e formativo elaborado e exercido por Meneghetti, bem como os achados realizados no referido estudo, focalizam-se aqui os aspectos relativos às

nas primeiras relações da infância que estabilizam o sujeito em um modelo fixo. “Cada um de nós, de fato, provém da vida, porém se formou do modo como um outro ser humano nós formou. Cada um de nós não pensa como é em si mesmo, mas como outra pessoa o ensinou a pensar, o impostou, o regulou” (MENEGETTI, 2012, p. 38).

competências intrínsecas ao desenvolvimento formativo do profissional psicoterapeuta de orientação ontopsicológica. Tais competências culminam em uma identidade formativa que caracteriza uma proposta singular de formação no campo da clínica psicoterápica.

A proposta da clínica ontopsicológica inscreve-se como uma metodologia para autenticar e desenvolver o homem criativo a partir de seu princípio fundante: o Em Si ôntico³. Nesse processo, a psicoterapia de autenticação é fundamental e, da mesma forma, o ontoterapeuta. Assim, a perpetuação dessa nova proposta científica passa também pela formação de novos profissionais ontoterapeutas que possam ser serviço à autenticação do humano.

A formação em psicoterapia é uma jornada longa e desafiadora. O exercício da clínica psicológica requer constante estudo e revisão das práticas e modos de pensar do próprio profissional. Solicita, portanto, uma contínua atualização de si e da própria técnica, confrontando sempre a prática com o percurso de relação com os clientes. Nesse sentido, Dutra (2013) sublinha que a formação do psicoterapeuta, ainda que não deva prescindir do aprendizado da técnica e da teoria, transcende tais elementos, uma vez que compreende também o desenvolvimento de uma

atitude que envolve um modo de ser, de ver e de estar no mundo.

Quayle (2010) assevera, quanto aos desafios que recobrem o longo percurso de estudo, prática e aperfeiçoamento pessoal associados à formação do psicoterapeuta e acresce seriedade e dedicação como elementos fundamentais. O desenvolvimento de um “olhar clínico” ou “atitude clínica”, a necessidade de contínuo estudo e supervisão e a relevância de um consistente *background* teórico são elementos mencionados pela autora. Meneghetti (2005a) também sustenta que a formação do psicoterapeuta é longa e continuada, indicando que se atinge uma maturidade profissional nesse campo, geralmente, após 15 ou 20 anos de exercício profissional.

Verifica-se que muitos são os desafios que recobrem o longo percurso de estudo, prática e aperfeiçoamento pessoal associados à formação do psicoterapeuta, somados à seriedade e à dedicação. O desenvolvimento do referido “olhar clínico”, o autoconhecimento, a necessidade de contínuo estudo e supervisão e uma robusta bagagem teórica são conquistas paulatinas e fundamentais nesse campo de atuação.

A formação do psicoterapeuta, por certo, encontra suas especificidades na complexidade que é própria desse campo profissional e nas características inerentes a cada abordagem psicoterápica. Entretanto, a relevância de um tripé formativo composto por estudo teórico, aperfeiçoamento da técnica por meio da supervisão e autoconhecimento realizado no âmbito do processo psicoterápico encontra guarida em diferentes

³ “Princípio formal inteligente que faz autóctise histórica. Princípio ôntico existencial no homem. O Em Si ôntico é o núcleo energético pensante, o princípio formal que estrutura o orgânico psicobiológico do indivíduo humano” (MENEGETTI, 2012, p. 84-85).

abordagens (DE FILIPPO, 2008). Exemplificativo disso é a discussão feita por Ferraz (2014) acerca da relevância deste tripé na formação do psicanalista. Ao investigarmos uma nova abordagem como a Ontopsicologia e ao pensarmos uma identidade formativa do psicoterapeuta, cabe perguntar se o modelo formativo do ontoterapeuta se vale de um tripé formativo; se sim, quais são suas especificidades e, por fim, como ele contribuiria na definição de uma identidade formativa.

Estudar a formação de psicoterapeutas na perspectiva ontopsicológica em uma produção acadêmica adiciona um elemento de particular relevância por se tratar de uma nova abordagem epistemológica e metodológica à clínica psicológica. Essa abordagem nasce do trabalho clínico de Antonio Meneghetti há mais de 40 anos, em Roma, Itália, posicionando-se como uma alternativa integradora a modelos vigentes (BERNABEI; ZOPPOLATO, 2008). Dentre as correntes modernas da Psicologia, a Ontopsicologia inscreve-se no campo da psicologia humanista-existencial e posiciona-se como novidade científica pelas suas descobertas – Em Si ôntico, campo semântico⁴ e monitor de deflexão⁵ – e específica abordagem metodológica (MENEGETTI, 2010).

⁴ “Comunicação-base que a natureza usa entre as suas individualidades. [...] Permite conhecer em primeira atualidade a dinâmica que uma realidade está operando” (MENEGETTI, 2010, p. 135).

⁵ Definido como “engenho psicodélico deformador das projeções do real. É uma grelha-filtro posta entre o processo proprioceptivo e o egoceptivo; o monitor de deflexão deforma as projeções do real à consciência e reinforma o organismo segundo dados não próprios do organísmico na situação” (MENEGETTI, 2012, p. 167).

Assim, com o presente estudo, considerando-se que ainda são poucas as publicações abordando especificamente a clínica ontopsicológica e a formação do ontoterapeuta, busca-se também a inovação e a contribuição científica, acadêmica e social no âmbito da clínica.

No percurso de desenvolvimento da Ontopsicologia, desde sua alvorada, Meneghetti dedicou-se à experimentação e, contemporânea a ela, à formação de novos profissionais que pudessem dar continuidade ao novo horizonte que se iniciava. Formalmente, em seu Centro de Terapia Ontopsicológica, fundado em 1972, propôs cursos especificamente dedicados à formação de psicoterapeutas. Realizou ainda *residences*, colóquios, conferências, criou instituições e centros de formação em diferentes partes do mundo, tendo formado um grande número de ontoterapeutas. Dedicou-se, prioritariamente, a desenvolver seu pensamento e formar profissionais na própria Itália, no Brasil e na Rússia, tendo também atuação em outros países como os do Leste Europeu – principalmente Letônia e Ucrânia – e China.

A formação dos ontoterapeutas, inicialmente, era realizada diretamente por Meneghetti ou sob sua supervisão junto ao Centro de Terapia em Roma e, posteriormente, através das instituições por ele fundadas. Em 1972, Meneghetti criou a Escola Ontopsicológica, embrião da Associação Internacional de Ontopsicologia (AIO), formalmente constituída em 1978. A AIO posiciona-se como uma associação cultural e científica de caráter apolítico e sem fins lucrativos, com *status* consultivo especial junto ao Conselho Econômico e Social das Nações

Unidas, cujo foco volta-se à realização de percursos formativos, eventos, pesquisa e atualização científico-cultural. É fundamental destacar que a AIO irá incorporar, no seu estatuto constitutivo, as finalidades da precedente Escola de Formação em Terapia Ontopsicológica.

Neste mesmo ano, criou a Ontopsicologia Editrice, hoje Ontopsicologia Editrice, no intuito de difundir o conhecimento ontopsicológico. Foram criadas ainda: a Associação Europeia de Ontopsicologia, para o continente europeu; a Associação Brasileira de Ontopsicologia (ABO), em 1985, para Brasil e América Latina; a Associação Eslava de Ontopsicologia em 1996, para a Rússia. Nos anos de 1990, foi criada também a Escola Latino-Americana de Ontopsicologia, voltada ao estudo da ciência e à formação de profissionais, em especial futuros docentes, para a América Latina. Tais entidades desenvolviam cursos, seminários, convênios com outras instituições de ensino, dentre outras atividades.

Nesse contexto, temos um momento inicial em que os ontoterapeutas eram formados no Centro de Terapia coordenado por Meneghetti e, posteriormente, através de atividades e cursos de curto período promovidos pelas instituições. Especificamente a ABO, no seu primeiro decênio de atividades no Brasil, deu maior ênfase para a psicoterapia ontopsicológica, com o escopo de formar profissionais que posteriormente pudessem atuar em diferentes estados do território nacional. No que se refere à formação de ontoterapeutas no Brasil, Alécio Vidor, então presidente da entidade, conduz, em

1987, no Recanto Maestro, por iniciativa da ABO, o I Curso de Ontopsicologia Clínica (ABO, 2015).

No Brasil, a principal referência formativa atual é a Antonio Meneghetti Faculdade (AMF). A AMF teve sua abertura autorizada pelo Ministério da Educação (MEC) em 2007 e, desde sua fundação, realiza cursos de aperfeiçoamento e especialização tendo como referencial epistemológico e metodológico a Ontopsicologia. Em 2014, o MEC autorizou o curso de Bacharelado em Ontopsicologia junto à AMF. Entretanto, esse curso não possui o escopo específico da formação de psicoterapeutas.

Cabe salientar, ainda, dado o escopo deste estudo, que os profissionais que atuam hoje como ontoterapeutas tiveram seu percurso formativo realizado junto ao fundador da Ontopsicologia. Portanto, pode-se dizer que, para além dos registros em áudio, vídeo e nos livros deixados por Meneghetti, esses profissionais e suas experiências vividas são portadores da *expertise* da Ontoterapia. Tais profissionais encontram-se principalmente na Itália, Brasil, Rússia e Leste Europeu, regiões onde Meneghetti mais atuou e criou centros de estudos. Atualmente, não identificamos cursos específicos de formação ontoterapeutas no mundo. Esse fato, além de sublinhar a relevância do presente estudo, destaca a importância do percurso formativo dos ontoterapeutas ora em atividade, uma vez que eles são portadores do legado de Meneghetti.

Dessa forma, para a realização deste artigo, adotou-se como roteiro teórico o resgate do percurso de Meneghetti no que se refere à elaboração

de sua abordagem psicoterápica e formação dos primeiros ontoterapeutas e aos elementos da clínica ontopsicológica relacionados às competências essenciais à formação do ontoterapeuta – ambas tarefas realizadas por meio de revisão bibliográfica e pesquisa documental. A discussão deste artigo se finaliza ao afrontar e propor aspectos relacionados à definição de uma identidade formativa do ontoterapeuta. A dimensão empírica desta pesquisa se deu a partir de entrevistas em profundidade realizadas junto a 6 ontoterapeutas brasileiros e 3 italianos, todos profissionais formados diretamente por Meneghetti. Para elaboração interpretativa dos dados que subsidiam este estudo, o procedimento adotado foi a análise temática (MINAYO, 2006).

2 Fundamentação Teórica

2.1 Do ontoterapeuta: competências, formação e estilo de vida

Na busca de propor uma identidade formativa em Ontoterapia é fundamental compreender as competências inerentes a essa atividade profissional e qual é a perspectiva distinta da Ontopsicologia acerca disso.

Figueiredo (1996), Quayle (2010), Dutra (2013), dentre outros pesquisadores do campo da clínica psicológica, posicionam a pessoa do psicoterapeuta como fundamental no processo terapêutico e no processo de formação técnica em si. Destacam a fundamental relevância da personalidade como central no fazer clínica. Nessa perspectiva,

“formar”⁶ um psicoterapeuta, sem dúvida remete ao contexto da teoria, da técnica, entretanto tais elementos estarão sempre atravessados pelo seu modo de ser.

Jung (2011, p. 103) é claro ao destacar esse elemento:

O grande fator de cura, na psicoterapia é a personalidade do médico – esta não é dada *a priori*; conquista-se com muito esforço, mas não é um esquema doutrinário. As teorias são inevitáveis, mas não passam de meios auxiliares [...]. As teorias não são artigos de fé; quando muito, são instrumentos a serviço do conhecimento e da terapia; ou então não servem para coisa alguma.

Rogers (1997, p. 259), por sua vez, assinala características como sensibilidade, empatia, respeito, dentre outras, evidenciando, também, a personalidade do terapeuta como um dos elementos essenciais na clínica psicológica:

[...] o terapeuta deve ter uma firme compreensão de si mesmo, dos seus modelos afetivos dominantes e suas próprias limitações e carências. Se não houver considerável grau de compreensão, não será capaz de reconhecer as situações em que pode se ver envolvido e influenciado pelos seus preconceitos e sentimentos. [...] o terapeuta tem de possuir uma compreensão clara da sua própria personalidade.

A Ontopsicologia propõe um conhecimento alternativo, na medida que dispõe de estudo, de método e de análise

⁶ Dutra (2013, p. 207) faz uma interessante discussão acerca do conceito de “formação” entendendo a validade desse formulado na medida que é entendido como um processo, “o qual comportaria, sem dúvidas, a concepção de uma experiência existencial, de um poder-ser, portanto, inacabada”. Comunga-se aqui com tal perspectiva.

clínica diferentes de outras escolas existentes. O seu propósito último é elevar o sujeito a um nível maior de consciência a fim de que esta seja capaz de ver a vida, ou o mundo-da-vida como propunha Husserl (2012), e não apenas os estereótipos. Ou seja, através do processo de metanoia⁷, reconstruir uma consciência autóctone, baseada no original do real que o sujeito está vivendo. Um desafio dessa grandeza implica uma formação diferenciada que envolve a integralidade da vida do profissional.

O procedimento através do qual ocorre a formação do ontopsicólogo é o seguinte: o ontopsicólogo, como base cultural, deve obter uma pós-graduação. Depois, durante o plano de estudos, ele inicia uma especialização sobre os instrumentos e métodos específicos da Ontopsicologia, que varia de quatro a oito anos. Em segundo lugar, deve ter características naturais, uma sensibilidade intelectual equilibrada desde o nascimento. O ontopsicólogo é tal, se compreende o campo semântico e o compreende consigo mesmo. Para isso, são necessários um organismo e uma vida exatos. A vida do ontopsicólogo segue uma moral: a moralidade criada pelo Em Si ôntico. Esta se atua da através da ética das situações racionalizadas segundo as proporções de identidade e funcionalidade (do próprio Em Si ôntico) (MENEGETTI, 2013, p. 47).

A formação em Ontopsicologia implica o saber teórico, o aprendizado do fazer, suportados pelo contínuo aperfeiçoamento de si (metanoia), a dimensão do ser. Sem dúvida, a Escola Ontopsicológica propõe uma abordagem inovadora, porém a formação do

profissional, em especial do psicoterapeuta, não se afasta da perspectiva de outras abordagens que destacam a relevância do tripé formativo: conhecimento teórico manejo da técnica e supervisão; e autoconhecimento. Meneghetti (1993), em capítulo intitulado *Formação e Endereço Ontopsicológico*, afronta a questão da formação de psicoterapeuta, se valendo do exemplo da Psicanálise para sublinhar questões relativas à necessidade de supervisão e psicoterapia. Pode-se extrair os elementos do tripé formativo nos elementos propostos no texto em questão.

Ainda encontramos ressonância da ideia de um tripé de formação como *design* formativo na proposta ontopsicológica na obra *Manual de Melolística*, na qual o autor especifica como deve ser a estrutura da formação do profissional que trabalha com esse instrumento de intervenção. Meneghetti (2005f) divide a formação em três áreas: teórica, prática e psicológica: a primeira compreende a totalidade das bases conceituais e de conhecimento específicas ao instrumento; a segunda relaciona prática e supervisão no uso do instrumento; e, por fim, a área psicológica é o processo de autoconhecimento, de autenticação, ou *training* de psicoterapia ontopsicológica fundamental ao profissional em formação.

Nisso tudo, é fundamental ao psicoterapeuta observar: “O primeiro obstáculo a ser superado é a transformação do psicoterapeuta: na Ontopsicologia, é fundamental o técnico, o profissional, o ontopsicólogo” (MENEGETTI, 1993, p. 37). O autor segue sublinhando que “o psicoterapeuta,

⁷ “Reorganização em evolução progressiva de todos os modelos mentais e comportamentais” (MENEGETTI, 2012, p. 180).

na verdade, não se inventa em pouco tempo; é fruto de um longo aprendizado de anos e de intenso trabalho no interior da pessoa” (MENEGHETTI, 1993, p. 39). O teórico indica a personalidade do terapeuta, como, de fato, seu fundamental instrumento de trabalho. Sublinha a importância do autoconhecimento e destaca que “por força da própria autenticidade, o psicoterapeuta conduz o cliente a perceber a própria presença até a raiz da interioridade de si mesmo” (MENEGHETTI, 2010, p. 284).

Nisso tudo, é fundamental o processo contínuo de supervisão, quer seja nos anos de escola, quer posteriormente ao longo do exercício profissional. Meneghetti (2015, p. 231) é claro nesta questão: “Quando existem dúvidas, aconselho sempre fazer entrevistas técnicas com um colega. Enquanto o colega explica o sonho, existem duas hipóteses: ou o colega é exato e informa o ponto, ou, enquanto o colega fala, tem-se a clareza lógica de onde estava o problema”.

A supervisão é momento de reflexão sobre a própria técnica e posicionamento subjetivo. Meneghetti (1989, 2005b, 2005c, 2015) aborda a importância da supervisão como estratégia de revisão e desenvolvimento contínuo do psicoterapeuta. Na obra *Residence ontopsicológico*, discute amplamente a questão da supervisão, contextualizando a complexidade inerente à relação terapêutica, uma vez que o psicoterapeuta é “satélite⁸ das

intencionalidades” do cliente, ou seja, é natural e esperado que o *setting* dê espaço para múltiplas dinâmicas de ambos sujeitos envolvidos; e o momento da supervisão é, para o terapeuta, lançar olhar para seu exercício profissional a partir de “outro lugar”, valendo-se de um colega.

É obrigação para um psicoterapeuta realizar uma supervisão periódica com um colega para verificar se funciona, se está semantizado por um cliente ou se ele próprio está errando. É suficiente que leve ao colega um ou dois sonhos do cliente e o supervisor, a partir deles, sabe angular a posição quer seja do psicoterapeuta, quer do cliente (MENEGHETTI, 2005c, p. 199).

Meneghetti (1982, 2010, 2013, 2015), referindo-se à formação do ontoterapeuta, confere especial atenção à personalidade e ao estilo de vida deste profissional. Para esse autor, a formação específica para ser psicoterapeuta implica três fatores ou qualidades: 1) *Intuito natural*: Possui um temperamento, uma sensibilidade ou atitude natural à curiosidade em direção aos outros, interesse verdadeiro por conhecer o humano; 2) *Estudo e cultura ampla e em evolução, com preparação e atualização contínua da técnica*: Após uma formação de cultura geral, deve especializar-se tecnicamente. Acresce-se ao alto nível de preparação técnica, a relevância de se ter a experiência de muitas culturas, para

⁸ Em Ontopsicologia, o resgate etimológico é fundamental. A palavra “satélite” tem sua origem no latim e é a composição das palavras *satelles* e *itis*, cujo significado original era “guarda de corpo” dos imperadores e reis, ou “guarda-costas”

que o protege às custas da própria vida. J. Kepler, em 1610, por associação, introduz esse termo na astronomia, segundo o qual, por exemplo, a Lua seria a “guarda-costas da Terra”, porque gira em torno dela como se quisesse protegê-la. Para os imperadores, significava a dignidade ou o ofício de capitão da Guarda Pessoal. Chama atenção o uso dessa palavra por Meneghetti ao referir-se com recorrência ao ofício do psicoterapeuta.

poder, assim, relativizar os valores de qualquer uma; 3) *Caráter amadurecido pela vida e sempre aberto a metabolizar o novo (experiência contínua), além da elevada ética profissional*: Esse terceiro elemento para Meneghetti é o mais difícil de alcançar, mas é também o mais determinante na formação do psicoterapeuta. Trata-se de uma profunda metanoia. Ao referir-se a este terceiro aspecto o autor usa a expressão “santidade”⁹, entendendo que o psicoterapeuta deve ter “um comportamento de vida que determina a exatidão da função orgânica” (MENEGHETTI, 2010, p. 286). Uma vez que a personalidade do psicoterapeuta é seu único e global instrumento de trabalho, torna-se fundamental que essa seja cultivada, de outra forma, é o próprio estado confusional do profissional a ser ambiente aquiescente para a dinâmica complexual do cliente. Essa exatidão é resultado de uma contínua ordem que se define na intrínseca funcionalidade de desenvolvimento do sujeito (NAZARRO, 1998).

Tal “ordem” caracteriza-se como ordem estética, ordem moral e ordem econômica. Ou ainda:

[...] a) ordem de calma e beleza. A beleza é uma proporção do comportamento e da inteligência, é algo que se aprende, que se adquire; não é um fato físico externo, mas é uma grandeza interior; b) uma ordem no comportamento privado, afetivo e sexual, sobretudo no mundo do trabalho.

⁹ A palavra “santidade”, neste caso, não é tomada a partir de seu sentido místico religioso, mas de sua acepção etimológica. Do latim: *secum ens, secum ire cum ens*, significa: ser junto ao Ser. “Ser” entendido como “princípio universal do quanto existe ou é real” (MENEGHETTI, 2005a, p. 248).

O psicoterapeuta não pode ter uma vida dispersa ou caótica naquilo que diz respeito às amizades e ao sexo; c) uma autonomia ordenada no campo econômico. O psicoterapeuta deve estar à altura de pagar os normais prazeres de uma pessoa: sua casa, seu carro, a simplicidade das suas roupas etc. (MENEGHETTI, 2013, p. 42).

Andreola (1998, p. 16) indica que a diversidade do ontoterapeuta se encontra justamente no mover-se continuamente e sincronicamente na interação entre esses três fatores: sensibilidade e intuíto natural, alto nível de preparação técnica e santidade: “Isto nos permite ser uno na direção do uno, evidenciando o distônico daquela unidade de análise”. A primeira qualidade refere-se à toda casuística da psicologia existencial, as outras duas qualidades são uma escolha. Ou seja, o ontoterapeuta deve estar em constante vigilância sobre a própria formação para maturar-se na capacidade de ver o Em Si nucleico do outro.

[...] repito sempre que para ser ontoterapeuta é indispensável uma conversão, ou seja, um convergir ao dado primário de si mesmo que é em íntima relação com o resto. Em tal conversão, o ontoterapeuta se conscientiza sobre como ser a si mesmo. Pelo fato de que o ser se individua sempre como inteiro, ocorre que nos rendermos a sermos a nós mesmos nos interioriza a tudo aquilo do qual o ser é fundamento (MENEGHETTI, 2005b, p. 158).

Esse posicionamento implica profunda humildade e coragem por parte do psicoterapeuta frente a si e frente ao outro. Vidor (2015, n.p.) discute esse elemento e sublinha a importância da necessidade, para quem desejar exercer o ofício de ontoterapeuta, de ter uma consciência aberta e disponível: “Não

partir do princípio: eu já me conheço, eu já sei, tenho uma grande cultura. Com essa atitude, ele nada se pode fazer, em nada se pode auxiliar, em nada se pode dar uma diretiva de interesse”.

Uma vez que, como ontoterapeuta, pretende-se o diálogo com o outro, deve-se ter um conhecimento da dinâmica do inconsciente, o qual faz realidade no outro, mas também no próprio psicoterapeuta. Enquanto se dedica ao estudo do outro, deve-se ter o olho em si mesmo, caso se deseje compreender o inconsciente. Especialmente o ontoterapeuta deve estar atento a falsas seguranças que não têm outro escopo senão defender lá onde o sujeito ainda é mais frágil. Segundo Meneghetti (2004, p. 102), “é necessário sobretudo ‘auto-romper-se’ lá onde temos medo, onde consideramos certo de que seja seguro”. A estrada do ontoterapeuta é um horizonte aberto de aprendizagem na direção do melhor de si, que ao final é também o melhor ao outro. Esse horizonte aberto em direção de si é um compromisso com pessoal de aperfeiçoamento contínuo da própria inteligência, bem sintetizado por Meneghetti (2015, p. 223, grifo do autor):

O psicoterapeuta é uma pessoa que escolheu não somente viver bem, mas também provocar e criar o bem. Para fazer isso, deve continuamente *rever e autocorrigir a própria posição* em avanço contínuo, segundo as circunstâncias que a norma do cotidiano dá e condiciona.

A atitude profissional no âmbito da Ontoterapia implica uma alta formação mental, orientada por um essencial equilíbrio moral e uma refinada estética interior.

Meneghetti (1989, 2010, 2013, 2015) dedica destacada atenção aos aspectos relacionados ao estilo de vida do ontoterapeuta, em especial ao seu mundo emotivo e relacional:

[...] deve constantemente aperfeiçoar o próprio estilo de vida, e continuamente vigiar o *miricismo*¹⁰ dos impactos emocionais, selecionando atentamente as entradas e saídas de cada interação, para não sofrer relações que possam de algum modo diminuir-lo e, conseqüentemente, não estar à altura de dar um serviço profissional. Indubitavelmente, deve ser também aberto e disponível, mas somente àquelas relações que emocionalmente fazem desenvolvimento (MENEGETTI, 2010, p. 376).

Meneghetti (2015) destaca a importância de que o psicoterapeuta esteja em constante metanoia: revendo, autocorrigindo e aperfeiçoando o próprio posicionamento. Nisso, sem desmentir ou contraditar comportamentos coletivos, é fundamental que seu estilo de vida e sua privacidade sejam geridos com especial zelo e tendo como critério a própria inseidade. Um ontoterapeuta não pode querer ser mediador de inseidade, sem viver e atuar a própria. Isso implicaria uma contradição de base. Ele encontra satisfação na vida que vive, não nas normas sociais. Construir um estilo de vida a partir do profundo de si mesmo implica uma ética e uma estética

¹⁰ O miricismo cotidiano são as pequenas coisas feitas no dia a dia. Entende-se como uma postura de responsabilidade e atenção aos mínimos detalhes em todo momento em que se está presente e em tudo o que se faz, das simples coisas como a organização do ambiente onde se vive, das pessoas com as quais se convive, a alimentação, o tipo de leitura e estudo. Trata-se de construir um útero ambiental que regenera e dá sustentação para a sanidade subjetiva do sujeito, promovendo uma satisfação pessoal.

particulares: “pode fazer o que quiser, mas substancialmente é um solitário, vive com o íntimo da vida” (MENEGHETTI, 2015, p. 225). Para poder personalizar – isto é, tornar pessoa – a vida dos outros, deve ser íntimo à vida.

Na sua vida privada, para poder viver com prazer, deve saber criar a possibilidade de particulares e regenerantes prazeres. “A mente se nutre de tudo”, sublinha Meneghetti (2015, p. 225). Assim, certas escolhas estéticas servem para dar equilíbrio e nutrimento à inteligência. São corrimãos existenciais para o contínuo desenvolvimento do próprio potencial e o refinamento da própria sensibilidade¹¹.

O estilo de vida do ontoterapeuta e, por decorrência, sua privacidade deve ser gerida com o máximo zelo. Meneghetti (2013, p. 43) assinala que, na sua experiência junto à formação de psicoterapeutas, os dois erros mais comuns que acabam por reduzir ou verdadeiramente incapacitar a capacidade da maioria dos profissionais são os complexos da infância e o sexo: “Por ‘complexo da infância’ entendo um conjunto de três coisas: crença na relação empática com o cliente, dependência no *transfert*, deslocamento sublimado daquela inferioridade vivida na infância e adolescência”. Sobre a sexualidade, o autor é peremptório e destaca que ela envolve também energia metafísica, não sendo apenas uma necessidade biológica. Ou se vive essa possibilidade “com ordem, ou é melhor não vivê-la”.

¹¹ “A clareza mental não se atua somente com a vontade, são necessários também os meios: um certo tipo de lugares, um certo tipo de vida, uma capacidade artística de intelecto e de emoções” (MENEGHETTI, 2015, p. 226).

O autor faz referência a dois elementos fundamentais ao estilo de vida do ontoterapeuta: consanguinidade naturística e transcendência dos estereótipos (MENEGHETTI, 1996, 2006b, 2015). O primeiro elemento está relacionado à capacidade de interação com a lógica da natureza; sublinha a relevância do ambiente e da interação “vida com vida”. Confere grande relevância ao convívio e interação com a natureza e com as simplicidades dos elementos cotidianos – o fazer a própria comida, cuidar do jardim, a simplicidade da decoração dos próprios espaços, o cuidado com o ambiente terapêutico etc. – como ocasiões de regeneração e contato consigo, não como *hobby* ou distração, mas como garantia de reentrada no íntimo da vida. “Se quer ser serviço funcional ao Em Si do outro, deve aprender a consanguinidade naturística, isto é, *um contato contínuo, uma espécie de osmose, de respiro entre o próprio organísmico e o organísmico holístico do ambiente em que se vive*” (MENEGHETTI, 2015, p. 226, grifo do autor). Implica uma capacidade de interação com a natureza viva: saber entrar naquilo que é vivo; aprender a nutrir-se e metabolizar a natureza qual se faz parte. Entrar e viver naquele vivo que nos constitui e ordena – do alimento à organização dos ambientes, da estética pessoal à impostação e organização do ambiente profissional¹².

¹² A esse respeito fundamental na formação do ontoterapeuta é a obra *Cozinha viva* (MENEGHETTI, 2006b). “As lições sobre cozinha viva que conduzi no passado, na realidade eram um instrumento para dar essa consanguinidade naturística: repropor o princípio nativo, original ao nosso Em Si ôntico. Para além dos gostos e dos alimentos, na cozinha viva trata-

O segundo elemento, transcendência dos estereótipos, refere-se à importância da gestão dos estereótipos de adaptação social sem “morrer dentro dos mesmos”. Estar constantemente aberto à aprendizagem do novo e ao desenvolvimento da própria personalidade. O critério é sempre o próprio. Em Si ôntico. Assim, o ontoterapeuta deve desenvolver uma elegância e maestria de gestão dos múltiplos contextos que implicam sua ação social: “Trata-se de estar em meio aos outros sem nunca sair da própria intimidade: *em meio ao mundo, mas não do mundo*; sempre com os outros, mas sem sair nunca de si mesmo” (MENEGHETTI, 2018, p. 123).

3 Ser ontoterapeuta: competências formativas

Na proposição de uma ação pedagógica em determinado campo, considera-se central a definição do escopo almejado àquele estudante quando da conclusão de seu percurso formativo. Ou seja, o egresso de uma eventual formação deverá ser minimamente capaz de desenvolver uma atitude profissional esperada na proposta daquele percurso, sempre respeitadas as particularidades e os interesses de cada pessoa.

Colocados os fundamentos teóricos deste estudo, partimos para a dimensão empírica, para a qual nos valem os relatos dos participantes entrevistados. Tais contribuições nos amparam na discussão das competências

formativas em Ontoterapia, na medida em que auxiliam a evidenciar caminhos para a proposição de uma identidade formativa. Nessa perspectiva, os depoimentos¹³ a seguir buscam responder a quais podem ser as competências essenciais à essa profissão.

Ter intrinsecamente amor pelo ser humano e interesse genuíno pelo seu desenvolvimento. Saber ouvir, com todo seu organismo, e dispor-se a realidade do cliente. Em outras palavras, capacidade de ser auscultada à realidade íntima do outro. Saber respeitar o outro, mesmo nos seus limites, mantendo sigilo e ética sobre todo o conteúdo fornecido em entrevistas. Ter capacidades linguísticas para explicitar aquela compreensão empática ou semântica colhida no momento da entrevista. Ter maturidade pessoal para ser função ao cliente e não estabelecer com ele uma díade não evolutiva [P3].

Capacidade racional de disciplina porque a psicoterapia é uma capacidade de racionalidade superior. Então a disciplina, a capacidade do estudo contínuo, não sei se pode traduzir isso como competência. Uma capacidade de curiosidade, de amor incondicional aos outros. São coisas que tu tens ou tu não tens. Deve ter uma ambição de querer ser o melhor, se ele não tiver ambição ele vai ser um medíocre. Precisa querer fazer e ter a capacidade de pagar o preço pagar o preço; significa ter a capacidade de abandonar um passado infantil e ter a coragem de um futuro novo, evolutivo e superior, de caminhar em direção a maturidade [P4].

Em primeiro lugar saber lidar com as relações, saber administrar bem as relações humanas. Isso não é uma competência muito simples. Você tem que saber lidar com o ser humano e aprender o tempo do outro. A gente tem uma ansiedade, às vezes a gente atropela o cliente. Aquilo que tu viu numa sessão, pode levar uns seis meses para dizer para ele, porque é o tempo dele que conta, não é o teu. Então eu acho que a primeira competência é essa gestão dos recursos, da relação humana, o recurso da

se de colher o espírito que projeta aquele sumo e o modo em que a grande vida respira e sopra a própria fenomenologia” (MENEGHETTI, 2015, p. 227).

¹³ Os depoimentos dos entrevistados serão identificados com a letra “P” de “participantes”.

relação humana mesmo, uma competência de relacionamento humano, segunda coisa, competência técnica mesmo de estudo, de domínio, capacidade intelectual, do estudo contínuo, constante [P2].

Na nossa formação o maior foco foi nos princípios de um técnico em psicoterapia, que são: atualização da técnica, conhecimento teórico, formação cultural, forte relativização dos estereótipos, porque nós vamos trabalhar a relativização com nosso cliente [P5].

É fundamental desenvolver integralidade das próprias percepções. As competências talvez sejam aqueles cinco critérios de que o professor Meneghetti fala da subjetividade. Acho que ali são as competências. Univocidade das percepções, controle sobre o objetivo, o resultado... Enfim, esses cinco critérios na verdade são, para mim são as competências que você adquire na medida que você aplica esse método [P1].

Segundo Macedo (2004, p. 3), a clínica, ou a formação do clínico, implica desenvolver no profissional um olhar, uma postura fortemente pautada na intersubjetividade; “uma atitude diante do objeto de estudo que implica a valorização da subjetividade do profissional e do objeto de estudo”. Essa perspectiva pressupõe uma profunda consideração por si e pelo cliente. Amor, zelo, curiosidade, respeito, ética, capacidade de relacionamento são competências intrínsecas ao ofício em do ontoterapeuta. Nisso tudo está implícito o próprio desenvolvimento, o exercício do próprio egoísmo sadio, uma vez que não se pode autenticamente dar aquilo que não se traz consigo. O desenvolvimento de um sentido de humanidade, que passa pelo autocuidado, pelo autoescrutínio, é central àquele que, por profissionalidade, escolheu auxiliar e zelar a dimensão subjetiva do outro. Pode-se dizer que este sentido é primeiro um exercício, depois

uma evidência. Em questões técnicas como aquilo que o participante refere como o “tempo do cliente”, estão profundamente imbricadas a alteridade, a intersubjetividade, a humanidade. Tecnicamente, tem-se também a informação semântica que consente ler a realidade dinâmica no *setting*.

A respeito da psicoterapia como ato de amor, ou do ato de amor em psicoterapia, ou ainda do amor que o técnico deve ter na condução do processo psicoterapêutico, um dos entrevistados oferece uma bela contribuição.

E pela prática precisaria algum psicoterapeuta ontopsicólogo, mais velho ou grande experiência que pudesse fazer entrevistas abertas. As entrevistas abertas, você deve recordar, o Professor Meneghetti as fez no Brasil, na Rússia, na Itália, na Letônia, na China, foram uma escola de vida. Eu pessoalmente nunca assisti uma entrevista aberta do Professor Meneghetti, onde eu não fiquei profundamente comovido. Comovido com o que? Com o ato de amor dentro da pesquisa investigativa de Meneghetti, na alma do outro. O professor centrava com resolução, com maestria, mas com um ato de amor infinito. Creio que seja essa a essência da psicoterapia ontopsicológica! Como dizia o professor Meneghetti: “também eu sou você, também eu sou o outro, e o outro sou eu”. E se eu compreendo isso, me facilita também na distinção: eu sou eu, você é você. Mas contemporaneamente, eu também sou você. É difícil compreender, quase impossível: eu sou eu, você é você. Mas eu sou também você e você também é eu. É maravilhoso! Porém, honestamente todas essas coisas, precisei de mais de trinta para compreender. Não se compreende rapidamente [P9].

Este relato dá ocasião também de abordar, mesmo que sumariamente, um elemento da prática formativa de Meneghetti. Ao longo de décadas de

trabalho, o autor adotou, em sua metodologia de formação, a realização de entrevistas abertas. Especialmente nos *residences*, quando desejava trabalhar determinado aspecto nos participantes, geralmente após abordar teoricamente o argumento, abria a possibilidade para quem se voluntaria, trabalhar *in vivo* aquele aspecto. Convidava o participante para ir à frente e conduzia a entrevista. Geralmente, iniciava com elementos da anamnese e da biografia, solicitava que o entrevistado manifestasse a sua problemática e seu parecer acerca dela, e, por fim, pedia-lhe um sonho. Com base nessas informações, fazia a intervenção. E fazia, como o entrevistado assinalou, com uma imensa sensibilidade, mesmo quando era extremamente diretivo. Este pesquisador teve por muitas vezes a oportunidade de vivenciar entrevistas abertas, inclusive em primeira pessoa. A intervenção era acompanhada do esclarecimento metodológico, com o qual Meneghetti fazia a audiência compreender as passagens do sonho, da estrutura complexual do cliente, da genitura, a informação do Em Si ôntico. Enfim, uma experiência ímpar.

Segundo os relatos, a capacidade de estudo contínuo é uma competência significativa quando se deseja evidenciar caminhos para a formação de novos ontoterapeutas. Especialmente na realidade contemporânea, muitas vezes pautada por uma apreensão de conhecimento aproximativa e superficial, devido à facilidade do atual contexto informacional, essa competência merece ser destacada na medida em que foi identificada como relevante por aqueles que já viveram este percurso. Vivemos o paradoxo do excesso de informação e do

pouco conhecimento. Conhecimento envolve exercícios e empenho racional. O percurso teórico ontopsicológico é bastante denso e sua compreensão requer estudo contínuo. Sem dúvida, esse será um dos desafios para formação das gerações futuras de ontoterapeutas.

É preciso o estudo contínuo da metodologia. Por que na metodologia Ontopsicológica é necessário o estudo contínuo? Hoje eu entendo, bem mais do que quando era jovem. É que você tem que atualizar aquele conhecimento, segundo a tua maturidade. Esse é o ponto relacionado ao estudar continuamente. Ou seja, quando você estuda, você atualiza aquele conhecimento, mas com uma outra percepção, uma nova vivência, uma nova experiência. É uma nova realidade. Como se lesse tudo do zero e visse tudo de uma outra forma, muito mais ampla, muito mais holística, dinâmica, que eu não tinha capacidade de ver quando era jovem. Não tinha. Então, esse estudo continuado infinito, sem dúvida é uma pré-condição [P1].

Ter uma infinita curiosidade pelo conhecimento e pelo humano. O desafio é sempre esse. Não ter jamais a ideia que não tem mais nada para saber; contínua curiosidade. Olhar sempre as coisas perguntando-se: como funciona? Por quê? Que coisa é? É uma atitude, uma forma mentis. Este é o desafio. Não pensar jamais que chegou em alguma parte. Contínua disponibilidade ao novo e a leitura. Portanto deve ler e compreender, se é ou não é para você. Se é para você, entre, se não é segue adiante. Mas deve lê-la, deve saber ler. Para mim o ontoterapeuta é uma contínua de tomada de realidade crítica. A palavra – ontopsicólogo – o que significa? Estudo da psique do ser enquanto psique, portanto, é uma contínua leitura da fenomenologia do ser que se manifesta como psiquicidade. Portanto, é contínua visão, contínua consciência. Isto é para mim o ontopsicólogo [P8].

Meneghetti (1982, 2010, 2013, 2015), referindo-se à formação específica para o psicoterapeuta, sublinha a necessidade de três fatores ou qualidades

que, observadas as contribuições das entrevistas, figuram como indelével pano de fundo deste estudo. São eles: 1) intuito natural; 2) estudo e cultura ampla e em evolução, com preparação e atualização contínua da técnica; 3) caráter amadurecido pela vida e sempre aberto a metabolizar o novo (experiência contínua), além da elevada ética profissional. Abordando, neste momento, tão somente o segundo fator, verifica-se pelos relatos uma coerente correspondência à proposta formativa de Meneghetti. Este pesquisador, ao longo dos anos, pode verificar o quanto a manutenção sistemática e recorrente dos estudos favorecem o desenvolvimento pessoal juntamente com a técnica. O contrário senso também ocorre. Ou seja, nos momentos de resistência ou dificuldade em realizar uma transição ou passagem significativa de vida, verifica-se também o distanciamento dos estudos. Particularmente, este pesquisador evidencia uma forte correlação entre estudo contínuo e crescimento pessoal, ao longo do processo formativo.

Na busca por pensar uma identidade formativa em Ontoterapia, além do estudo e cultura continuados, emergiram nos depoimentos também os outros dois fatores referidos por Meneghetti como imprescindíveis.

Primeiro é fundamental uma vocação, uma sensibilidade. Essa sensibilidade não se dá; ou tu nasceste ou não nasceste. Como um artista; ou tu tens aquela direção ou não... é uma sensibilidade de gostar em curiosidade de conhecer o outro. É uma sensibilidade muito humana que é atraída nessa direção [P5].

Três coisas são imprescindíveis: Atitude natural: ter a sensibilidade para atuar naquele âmbito e com aquela tipologia de cliente.

Formação teórica contínua e rigorosa: estudo das diversas abordagens, aprofundamento de todo o corpo teórico e prático da Ontopsicologia, e supervisão com um técnico preparado para tal. Metanoia: o profissional ontopsicológico deve ser o primeiro a colocar-se em discussão e operar o processo de mudança de mente, a fim de coincidir com o projeto que é. Em outras palavras, ter superado a monocultura diádica para abrir-se a uma pluricultura possível ao projeto humano [P3].

A curiosidade constante e contínua. Curiosidade de que coisa? Da dimensão humana! Isto é importantíssimo. Deve compreender que é uma profissão, mas também uma missão. Ou seja, é uma profissão, na qual se deve mover no interior de um projeto. E qual é esse projeto? É a minha inseidade. Se eu sou coincidente com a minha inseidade, a posso ler no outro, através do método ontopsicológico. Percebe o quanto é importante? É importante, eu posso ler o outro na medida em que sou exato comigo mesmo. Porque o advogado, como disse o Professor Meneghetti, tem o código civil ou penal como instrumento, o médico tem o bisturi ou os medicamentos, o psicoterapeuta tem como instrumento, a si mesmo. Se é exato, vê, intervém, lê. Se não é exato, sofre. Portanto, é fundamental [P9].

Em Ontopsicologia, conforme reiterado, o entendimento de homem parte da consideração de um dado apriorístico, um projeto de inteligência. A presença deste projeto manifesta-se também por meio de uma particular sensibilidade em direção a determinado campo, de uma curiosidade por determinado campo ou objeto. O psicoterapeuta tem uma abertura de interesse em direção ao outro. Retomando a etimologia da palavra curiosidade, sabe-se que indica “conhecer com zelo”, “conhecimento com amor”. Ao psicoterapeuta interessa o modo do outro, o desenvolvimento do outro. Essa sensibilidade, ao longo do processo formativo do novo psicoterapeuta, deve

ser cultivada, afinada, tecnicamente evoluída.

O aspecto do amadurecimento e da abertura contínua ao novo também é referido pelos participantes da pesquisa. Meneghetti (2013) indica que esse fator é o que verdadeiramente faz ser ou não ser um ontoterapeuta. O autor refere-se a esse aspecto com a expressão “santidade”. O cultivo da própria santidade implica ao psicoterapeuta uma contínua ordem de vida, expressa em três aspectos: 1) ordem de calma e beleza; 2) ordem no comportamento privado, afetivo e sexual; 3) autonomia ordenada no campo econômico. Esses aspectos fazem parte do desafio de fazer-se um ontoterapeuta. Ao refletir sobre os relatos colhidos nesta pesquisa, somados à experiência deste pesquisador como psicoterapeuta, verifica-se que realmente esse terceiro aspecto – de santidade – é fundamental. A desordem contamina a própria capacidade de estar íntegro, inteiro no contato com o cliente. Aqui, abre-se também a questão da importância do estilo de vida do psicoterapeuta.

A capacidade técnica permanece elevada se eu tenho uma conduta que não contradiz a minha vida. Porque se eu tenho uma conduta privada desordenada, não boa ou com vícios, ou por exemplo, fumo cem cigarros, não vai de acordo. Não é que devo ser um santo, por favor, não é isto! Devo procurar viver de modo simples, natural. Eu tenho uma horta em casa. Eu moro na zona rural. Aos meus clientes sugiro se for possível fazer alguma coisa de manual, mas eu sou o primeiro. Veja! (mostra as mãos). Não é que sou um santo, atenção. É simples; devo ter uma conduta simples, sadia. Porque desta forma é mais fácil, é mais simples, usar o método ontopsicológico. Quanto mais sou exato comigo mesmo, mais sou capaz de focalizar o problema que o cliente pode ter. Porém não são duas coisas separadas: o psicoterapeuta deve ter uma

vida transparente em si mesma. Isto é, não basta a técnica! Se eu estou bem, a técnica permite-me ver a dinâmica em um instante, se eu não estou bem, sofro. Realmente posso sofrer a intenção inconsciente do cliente. O cliente nos testa sempre: tem o seu complexo, que não tem piedade dele, não pode ter piedade do psicoterapeuta [P9].

A discussão desenvolvida neste estudo contemplou, em sua fundamentação, a relevância da personalidade do psicoterapeuta como elemento central para o seu exercício profissional. Meneghetti (1982, 2010) é categórico ao indicar a personalidade do terapeuta, como, de fato, seu fundamental instrumento de trabalho. A este ponto retorna para o centro das reflexões a importância do autoconhecimento e do desenvolvimento subjetivo para o exercício dessa profissão. Em Ontoterapia, a subjetividade do profissional é o instrumento último de indagação e de conhecimento. Para Meneghetti (1982, p. 10):

[...] é através do meu co-ser que eu conheço o outro, exatamente como a minha racionalidade é consciência porque é co-é, co-existe com a minha inseidade. Igualmente, posso colher o outro do mesmo modo em que colho o acontecimento do meu organicismo.

A formação do ontoterapeuta, nessa perspectiva, como desenvolvimento de competência básica deve ser capaz de promover um tirocínio de revisão da consciência do operador e gradual recuperação do seu critério organicístico – critério da psicoterapia ontopsicológica. A consciência, como instrumento que projeta as noções decorrentes de experiências sensoriais, está limitada e determinada pela cultura aprendida e

memorizada, perdeu a compreensão de informações que o mundo-da-vida transcreve no corpo humano (VIDOR, 2014). É necessária a recuperação do critério organísmico. O reclame husserliano sobre a necessidade de se voltar o olhar ao interior mundo-da-vida – causalidade vital primeira de toda a realidade universal – como fundamento ao fazer ciência, encontra ressonâncias.

Dessa forma, se temos uma atividade profissional – a Ontoterapia – cuja capacidade de consistente e qualificado exercício é verificável a partir da subjetividade do pesquisador, caberia então perguntar quais seriam os critérios de verificação e de desenvolvimento subjetivo. Sem dúvida, buscar objetivar a subjetividade é desafiador e abre espaço para discussões. Esta dimensão é afrontada a partir do que o autor denomina como exatidão do pesquisador e enunciada no relato da participante, uma vez que, conforme discutido, a subjetividade é o instrumento último da indagação e do conhecimento, em particular em Ontoterapia.

A personalidade do ontoterapeuta é seu instrumento de trabalho. Assim, desenvolvimento pessoal e atividade profissional não são coisas divididas. A aprendizagem é contínua e minha prática profissional me ajuda a ser formado. Ou seja, meus clientes me ajudam a estar em formação contínua, porque eu preciso compreender um mundo de tal modo diverso do meu, de tal modo novo, que antes eu não tinha ainda encontrado. Portanto, um novo cliente, me permite uma formação do início e contínua e não repetitiva, se você quer compreendê-lo, ajudá-lo. Repito, se não é assim esqueça [P7].

É preciso construir uma bagagem subjetiva bem consistente. Autoconhecimento e maturidade. Isto é fundamental e insubstituível. Para além dos instrumentos externos, para além do

conhecimento externo, para a psicoterapia ontopsicológica o único instrumento de intervenção que existe é a personalidade do psicoterapeuta. Não existe outro. Se o psicoterapeuta não é coerente em garantir a sua personalidade, o seu egoísmo sadio, a sua inteligência livre de qualquer estereótipo principalmente de seu estereótipo dominante, de seu complexo que trai continuamente, é impossível a psicoterapia, é impossível ser um psicoterapeuta. É um exercício contínuo de autoverificação [P4].

A busca pela compreensão de si, desde a Antiguidade, é o grande desafio e provocação ao humano. É uma busca que, ao menos na perspectiva ontopsicológica, está radicada na consideração da presença de um princípio de inteligência, um princípio gênio que é o projeto base de qualquer individuação. Conhecer a si mesmo, nessa perspectiva, sem dúvida envolve afrontar limites, medos, complexos e estruturas psíquicas, muitas vezes limitadoras do desenvolvimento desse potencial ínsito. Entretanto, conhecer-se, viver um processo de autenticação é também buscar o contato consciente com esse princípio vital apriórico e agente, ou Em Si ôntico. É a pesquisa da própria inseidade subjetiva, da qual pode-se construir a segurança e liberdade de ser quem autenticamente se é. Uma personalidade segura não é aquela tão somente conformada às demandas do social, mas aquela radicada no próprio Em Si ôntico. São considerações ainda mais radicais quando instrumentalizadas para pensar um ofício cujo instrumento fundamental é a personalidade.

A relevância da necessidade de mudança pessoal é um dos elementos que indubitavelmente caracterizam uma identidade formativa em Ontoterapia.

Torno a repetir, a formação não pode ser separada da maturação pessoal, da contínua metanoia, como diz o Professor Meneghetti, uma contínua renovação. Isto é, o ontoterapeuta precisa ter uma vida privada de tal modo bem-feita, onde se regenera, se recarrega. Onde, se faz ataraxia, palavra grega, renovação. Essa é a condição principal [P9].

Para formar a mim mesma o maior desafio foi romper os meus paradigmas. Acho que a metanoia. É fazer convergir a consciência ao teu Em Si ôntico, à tua intencionalidade de natureza. É a raiz do autoconhecimento. Esse é o grande desafio, porque a intencionalidade, a natureza, ela é amoral e a nossa mente se baseia em princípios morais, princípios éticos, princípios políticos, princípios econômicos, todos os tipos de princípios que a gente possa imaginar. E a metanoia significa fazer uma revolução, anular tudo isso, fazer uma epoché de tudo isso. Fazer vir à tona a intuição, aquilo que é a direção do Em Si ôntico naquele momento histórico. Acho que esse é o grande desafio. Que é uma coisa que próprio Husserl já falava: se você quer acessar o eu puro, você deve fazer essa série de epoché, suspender todos os juízos para poder acessar o único, a única verdade daquele momento, realidade daquele momento que te dá a vida, que te dá a natureza naquele momento, naquele lugar, naquele tempo. Para mim é esse o grande desafio e que tanta gente ensinou de várias formas; as filosofias budistas; Husserl; todos os grandes mestres falavam disto [P1].

O principal desafio é mudar a pessoa. A metanoia. O psicoterapeuta em formação deve compreender que precisa mudar, deve querer mudar e deve fazê-lo. A natureza tem sua lógica e o psicoterapeuta ontopsicólogo deve compreendê-la. Essa é a maior dificuldade. O psicoterapeuta que decidir ser formador deve ter muita paciência, deve ser sempre um motivador, deve sempre provocar o outro à mudança, a uma melhora evolutiva. As vezes precisará esperar muito tempo para essa mudança, pois existem as estações da vida. As estações da vida são inacreditáveis, deve aguardar a estação das frutas. Não pode plantar uma planta e esperar que dê frutos depois de dois meses. Seria irreal. A formação é semelhante a espera que o

agricultor tem em aguardar o tempo de maturação. De outra parte, na formação, deve existir um terreno bom, fértil, uma inteligência viva, uma vida verdadeira. Porque se você provoca tudo isto, faz este trabalho frente a pessoas sem real interesse, não nascerá nada. Assim é importante saber reconhecer aqueles que possuem uma possibilidade de paixão e ambição nessa estrada [P7].

A possibilidade de compreensão do outro está diretamente relacionada à compreensão de si mesmo. Esse fato é ainda mais significativo quando se trata da formação do psicoterapeuta. Nisso, permanece a afirmação de Meneghetti (1993, p. 37) de que “o primeiro obstáculo a ser superado é a transformação do psicoterapeuta”. A Ontopsicologia propõe dois escopos substanciais ao processo de psicoterapia de autenticação: 1) identificar a identidade original e presente do Em Si ôntico e 2) operar a metanoia para reorganizar os comportamentos do Eu em funcionalidade histórica do Em Si ôntico. O processo de metanoia, segundo a abordagem ontopsicológica, implica uma “mudança de consciência, de modo a produzir uma consciência que seja adequada a ver a vida e não somente os estereótipos”; ou ainda, “aprender a si mesmo segundo a ótica da própria identidade de natureza (ou Em Si ôntico)” (MENEGHETTI, 2010, p. 64). Vidor (2018) assevera que, para o ontoterapeuta, é fundamental ter a coragem de enfrentar esse percurso de revisão da própria consciência. Fazer metanoia é ter a coragem de identificar aqueles comportamentos que infantilizam e colocam o sujeito em erro frente a si mesmo e mudar. Mudar em que direção? Na direção informada pelo próprio Em Si

ôntico, evidenciada no processo psicoterapêutico, principalmente na grafia onírica.

O processo metanoico é entendido como uma mudança no piloto Eu, daquele formado pela *doxa*¹⁴ societária àquele sublimado pela intencionalidade do Em Si ôntico. A Ontopsicologia, conforme enunciado, propõe um método de acesso à interioridade do homem para provocar um processo de revisão crítica da consciência alienada do mundo-da-vida, o qual foi denominado de autenticação. O processo de autenticação é competência essencial ao ontoterapeuta. É fundamental distinguir que, em Ontopsicologia, fala-se em autenticação a partir da consideração de um critério base de natureza – Em Si ôntico. “Ser a si mesmo” é ter uma consciência em conformidade com esse princípio formal inteligente que constitui o humano. Essa perspectiva distancia-se de uma visão rogeriana que está assentada em uma questão de representação simbólica. Amadurecer, na perspectiva aqui adotada, implica conhecer e atuar historicamente esse primeiro princípio ôntico que constitui o indivíduo como unidade de ação em um holístico dinâmico que podemos chamar de vida. Na medida em que o sujeito é sempre um semovente, ou seja, propõe sempre a totalidade de si, ainda que a própria consciência por vezes assim não perceba, constata-se a relevância do desenvolvimento integral como competência para o exercício

¹⁴ O termo é derivado do verbo *dokéo* que, significa: “escolher, decidir, deliberar e julgar segundo os dados oferecidos pela situação e segundo a regra ou norma estabelecida pelo grupo”; podendo ser definido como “opinião, crença, reputação, suposição, conjetura” (CHAUÍ, 2002, p. 499).

profissional. É fundamental repisar o lugar incontornável da supervisão do psicoterapeuta nesse percurso. Em palavras simples: pretender que a própria consciência que precisa ser revisada arvore-se capaz da revisão é contradizer o próprio princípio da psicoterapia.

A construção reflexiva remete para o questionamento acerca da relação entre o processo de desenvolvimento do profissional e o seu exercício profissional e a possível relevância dessa relação na formação do ontoterapeuta. Esse aspecto permite evidenciar internos do processo ontoterapêutico e a responsabilidade do ontoterapeuta no aperfeiçoamento de si mesmo.

As reflexões sobre as competências relevantes ao ontoterapeuta no seu caminho formativo corroboram, por fim, alguns relatos que assinalam específicos desafios na formação do profissional e que fazem muito sentido para este estudo.

Entendo que existe um elemento muito desafiador na formação do ontoterapeuta que é aprender a gerir a própria afetividade e a sexualidade. Sim é esse o desafio. É esse porque, o monitor de deflexão, no início se disfarça de sexo. O motivo é somente um: oprimir, sabotar, eliminar o psicoterapeuta. Existe um desenho do professor Meneghetti, no livro “Eu odeio o transfert”, que traduz isto. Vou te mostrar... [P9].

A relação ontoterapêutica, conforme discutido, possui especificidades que a distinguem de outras relações. A aprendizagem sobre como impostar a relação com o cliente é elemento significativo no processo de formação. Particularmente, a abordagem acerca da realidade do *transfert* é muito

característica na psicoterapia ontopsicológica.

O *transfert*, no contexto ontoterapêutico, é entendido como “o quântico formal que o cliente projeta no psicoterapeuta, manifestando assim a própria tipologia de relação de objeto” (MENEGHETTI, 2006a, p. 44, grifo do autor). Ele é revelador da modalidade de gestão da própria existência na sua globalidade. O modo como o cliente se investe no psicoterapeuta, especialmente por meio da sua afetividade, é evidência de como ele se move na sua globalidade existencial. Fundamental nisso é o entendimento de que a lógica afetiva do cliente é o sedimentado na relação diádica com o adulto-mãe e é fundamento da personalidade. A formação rígida da afetividade recebida na infância estabelece as bases da estrutura complexual do cliente. Uma vez que o investimento transferencial é de conteúdo afetivo sexual, naturalmente o cliente irá reeditar – com maior ou menos consciência – seus modelos aprendidos projetando na figura do psicoterapeuta. Meneghetti (2013) assinala justamente a sexualidade como uma das possibilidades de erro mais comum e que acaba por reduzir ou verdadeiramente incapacitar a capacidade do psicoterapeuta. Aquela parte não evoluída da personalidade do técnico irá buscar correspondência onde o cliente também está em erro consigo. O possível envolvimento no *transfert* do cliente, se ocorre, responde também à seleção temática complexual do próprio psicoterapeuta.

O terapeuta tem como maior desafio é ficar imune da perversão dos clientes. É uma estrada de maturidade. Você vai aprendendo isso, primeiro porque se ele fica imune a perversão

dos clientes significa que ele tem o controle sobre a sua estrutura complexual, pelo menos está vigilante continuamente. No momento em que ele se acha, porque ele deu um passinho e ele acha que já chegou lá, ele vai cair para o fundo do poço. Então o grande desafio é a humildade contínua de não estar satisfeito, porque ele conseguiu uma vitoriazinha pelo menos é o meu ponto de vista [P4].

O último relato em destaque assinala também os desafios do *transfert*, reiterando a formação como estrada de maturidade e inserindo uma precisa orientação sobre a *forma mentis* do ontoterapeuta: humildade contínua.

Meneghetti (1982, 2005b, 2017) convida a atentar para o mover-se do cliente e os perigos inerentes aos jogos, às resistências, aos complexos do Eu lógico-histórico no contexto da clínica. Em psicoterapia, deve-se ajudar o Em Si ôntico do outro, mas estando sempre atento às estratégias do sedimentado psico-orgânico ativo na psique do cliente e que não concorre para sua autenticação na medida em que ela significa a ab-reação dessas estruturas. Meneghetti (2017, p. 147) esclarece:

Não é que ele é mau: usa também com o psicoterapeuta a falsidade que já age consigo mesmo. Então, um bom profissional, pouco a pouco, o deve trabalhar e fazer mudar o seu tipo de personalidade externa em coincidência com a sua natureza objetiva. Quando um ser humano é capaz de ajudar o Em Si ôntico do outro, se pode fazer tudo. É com a falsidade que o cliente carrega que não se pode andar junto.

Certamente, isso implica uma profunda responsabilização na relação psicoterapêutica. Poder-se-ia ampliar a discussão que esclarece o fato de que, uma vez que ele possui uma consciência

determinada por um Eu não autêntico (Eu fictício), é lógico que proponha o engano na relação psicoterapêutica.

Nessa perspectiva, o depoimento supracitado e a citação de Meneghetti evidenciam o nível formativo necessário a essa profissão e a responsabilidade conexa; retorna, adicionalmente, a importância do estudo contínuo e do caráter amadurecido. Traz também consigo a imensa nobreza ínsita no fazer Ontoterapia e no ser um ontoterapeuta. Ser um ser humano “capaz de ajudar o Em Si ôntico do outro” seguramente é nobre, mas também profundamente responsabilizante.

4 Caracterização de uma identidade formativa

À medida que o presente estudo foi se delineando, emergiu de forma orgânica, na construção do processo analítico, uma proposição de identidade formativa em Ontoterapia como um modo de formalizar todo o processo de reflexão e construção aqui realizado. Embora haja a complexidade de tal proposição em um contexto muito desafiador, que é o de uma nova perspectiva de conhecimento do humano e para o humano, acredito que os achados da pesquisa apontam claramente para uma identidade.

Nessa via, fiquei particularmente sensibilizado com um dos relatos, pois ele toca algumas das problemáticas de fundo deste estudo e auxiliam a avançar. O relato posiciona o quanto foi realizado por Meneghetti na formação de ontoterapeutas e indica os desafios que se tem adiante. Perguntado sobre o maior

desafio na formação de um ontoterapeuta, P5 respondeu:

Temos um desafio enorme. Eu não sei nem como responder... Até agora nós estávamos muito seguros, pois a gente tinha um orientador. Porque, possivelmente, começa uma outra tarefa, que nem foi treinada. Começa uma tarefa que ninguém sabe muito fazer... A gente treinou tantas coisas, mas isso... Até agora nós estávamos andando para nos formarmos e nos estabilizarmos na formação. É uma ciência muito nova! Agora, nós temos que entrar nessa outra atitude de formar outros. Enquanto nós tínhamos o formador era uma realidade. Agora não tendo... Para formar alguém vai ter que se expor muito, vai ter que estar muito bem embasado dentro de si. Porque você não está mais na responsabilidade com um único indivíduo, você está dando passagens a tantos outros técnicos. Então, essa resposta eu não sei como te dizer, porque agora, conversando contigo, eu vejo o quão é difícil, porque nós temos que nos ajudar a encontrar formas de colocar as bases. É uma nova atitude.

O estudo da trajetória de Meneghetti evidencia o percurso de um cientista à frente de uma obra em construção. Houve os primeiros anos de intensa atividade clínica, de formalização das bases da metodologia ontopsicológica, a formação intensa dos primeiros operadores na Itália, no Brasil e, posteriormente, na Rússia. Depois vieram ações institucionais, o diálogo científico em diferentes nações, a criação de centros de formação pelo mundo, no Brasil, o fundamental nascimento da Antonio Meneghetti Faculdade – hoje protagonista na divulgação e no desenvolvimento da Ontopsicologia – uma longa trajetória.

A formação de pessoas caminhou sempre *pari passu* à formalização da Ontopsicologia. Sou testemunha e fruto

desse percurso. Principalmente nas últimas duas décadas de sua vida, o interesse de Meneghetti voltou-se a múltiplos aspectos do humano e da própria Ontopsicologia: da Economia à Física, a Pedagogia, a Filosofia, a Arte, dentre outros.

Aqueles que tinham uma sensibilidade e interesse pela formação em Psicoterapia e pela Ontopsicologia faziam esse percurso por meio de entrevistas, supervisões, *residences*, encontros de estudos coordenados diretamente por Meneghetti ou por outro ontoterapeuta dessa primeira geração. Eu vivenciei essa experiência. Tendo conhecido a Ontopsicologia ainda quando estudante de Psicologia, por meio da participação em um grupo de estudos coordenado por uma ontoterapeuta, mesmo, em um primeiro momento mantendo, a própria psicoterapia individual e, depois, a supervisão com essa profissional, iniciou-se um percurso de formação diretamente com Meneghetti. Entretanto, mesmo esses ontoterapeutas da primeira geração não levaram adiante uma formação de ontoterapeutas que pudesse hoje consolidar um percurso.

O exercício da atividade docente formativa é bastante desafiador e implica novas competências. Algumas possivelmente distintas daquelas que lançam mão na condição de psicoterapeuta. Contudo, existem muitos pontos de convergência entre essas atividades, e um dos depoimentos assinala isso. Perguntado sobre quais competências são essenciais a um psicoterapeuta, a resposta foi:

Duas coisas, a sensibilidade natural, portanto,

uma atitude natural. Tem uma natural predisposição à humanidade do outro como ampliação da própria. Tem um tipo de vocação a ser útil ao próprio semelhante, sem assistencialismo, um tipo de natural sociabilidade. [...] essa uma vontade de ajudar, que pode ser como professor, como formador, porém tem uma paixão pelos teus semelhantes de qualquer modo. [...] sentir a comum humanidade como uma responsabilidade também tua. E depois uma grandíssima preparação técnica infinita. Aquela que se aperfeiçoa continuamente [P8].

Existe muito de docente no psicoterapeuta. Vidor (2013) sublinha, de modo reiterado, que a psicoterapia não deixa de ser um modo de pedagogia, ou vice-versa. Trago tais reflexões para dizer que a problemática da formação do ontoterapeuta caracterizada neste estudo tem suas respostas nas bases teóricas, técnicas e vivenciais legadas. Porém, conforme sublinhado, a realização dessa formação de novos ontoterapeutas requer uma nova atitude. Atitude no sentido de se dedicar a pensar a si também como formador, de identificar em si a existência ou não do interesse em formar novos profissionais. Segundo Meneghetti (2010), para formar um psicoterapeuta, são necessários 12, 15 anos. Ou seja, trata-se de algo artesanal, algo feito paulatinamente com aqueles – geralmente poucos – que desejam fazer esse percurso.

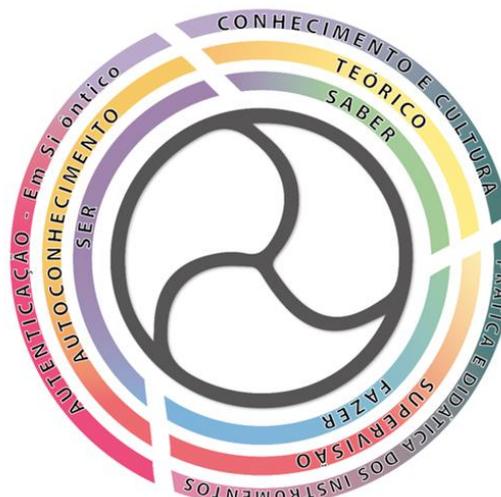
Contextualizada a reflexão, cabe retomar o interesse que a inaugurou. Ou seja, ensaiar um modo de formalizar todo o processo de reflexão e construção aqui realizado. Pelo quanto evidenciado, a caracterização do percurso formativo em Ontoterapia, se comparado com as práticas consolidadas desde a proposta do tripé analítico em Psicanálise, não inova

tanto no aspecto da forma. Estão presentes o estudo teórico, o autoconhecimento por meio da psicoterapia de autenticação e a atuação profissional supervisionada. As discussões empreendidas até aqui puderam delinear elementos característicos também no modelo formativo, principalmente no que se refere às três descobertas da Ontopsicologia e ao estudo da imagem na psique humana, mas permanece respeitado o tripé de formação.

Quanto ao conteúdo, a Escola Ontopsicológica efetivamente assenta-se em um epistema próprio e que, embora dialogue com outras perspectivas, inaugura uma nova abordagem ao entendimento do ser humano e a intervenção. Destaca-se, nesse aspecto, o critério que enuclea toda a pesquisa. A Ontopsicologia fundamenta toda sua metodologia em um critério de natureza. Um princípio formal inteligente, que é o projeto base do humano. O Em Si ôntico, a partir das suas 15 características ou fenomenologias, é critério de sanidade e desenvolvimento humano. A psicoterapia ontopsicológica ou Ontoterapia tem por escopo autenticar a consciência, restabelecer o nexos entre o Eu lógico-histórico e seu projeto metafísico ou Em Si ôntico. O Em Si ôntico é fundamento do ser. A metodologia ontopsicológica, por meio de seus instrumentos de intervenção e análise, visa promover esse processo de autenticação.

Esses são elementos centrais na formação do ontoterapeuta, os quais estão expressos na imagem a seguir.

Figura 11 – Identidade formativa em Ontoterapia



Fonte: Accorsi (2021, p. 253).

A imagem se estrutura a partir do trinácrio. O símbolo do trinácrio, em suas diferentes variações, faz parte dos signos mais antigos da cultura humana sobre este planeta. Está presente em culturas antigas, como a do vale do Aconcágua na América do Sul, da Grécia Antiga e da Celta. É o símbolo identificativo de quatro regiões europeias: Bretanha, Ilha de Man, Galícia e Sicília. O trinácrio é o símbolo da cultura ontopsicológica e significa o três no uno e vice-versa. “Significa a síntese ordenada de ser, mundo e indivíduo, isto é, o homem cosmoteândrico. Em outros termos, representa a tríade do movimento realizante: Em Si ôntico, Eu lógico-histórico e sociedade” (MENEGHETTI, 2012, p. 200). A visão ontopsicológica de desenvolvimento humano contempla sempre a perspectiva da integralidade. Dessa forma, o trinácrio também simboliza a integração do ser, do saber e do fazer.

Na síntese realizada, estão presentes as três dimensões da

integralidade – o ser, o saber e o fazer – associadas ao tripé formativo. O ser está associado ao autoconhecimento, realizado pelo processo de autenticação, cujo escopo é fazer nexos entre projeto de natureza e consciência. O saber associa-se ao elemento teórico, o qual, por sua vez, está relacionado à construção e atualização do conhecimento e da própria cultura. O fazer é o exercício da técnica supervisionada. Esse exercício ocorre por meio da prática e da didática dos instrumentos de análise e de intervenção da metodologia ontopsicológica. Ser, saber e fazer voltados à formação integral do ontoterapeuta.

Essa síntese é um exercício racional. Os elementos ser, saber e fazer estão profundamente inter-relacionados. Os três estão em cada um e cada um está nos três. Retornam à visão do trinário. Acredita-se que essa imagem-síntese, como uma proposta inicial, consente uma forma com capacidade de especificação e distinção. Ou seja, confere uma identidade.

O ontoterapeuta precisa conhecer não somente em base a formulados teóricos, mas precisa conseguir fazer o percurso de evidência¹⁵ gradual por meio de sua percepção orgânica para poder, por evidência, ter o conhecimento unitário, o conhecimento da lógica do ser. É a capacidade de evidência que legitima o fazer ontoterápico. Como já assinalado, em seu fazer clínico, o ontoterapeuta deve ser capaz de evidenciar o *a priori* do

cliente e, a partir deste, diretamente, propor o ótimo ao desenvolvimento dele. Esse percurso gradual irá exigir a capacidade de elaboração científica de elementos como a leitura de símbolos, de fantasia, dos traçados oníricos, dentre outros. É autenticidade em *pari passu* com a capacidade técnica. É ser, saber e fazer.

O leitor, especialmente se possui pouco contato com a Escola Ontopsicológica, poderia pensar que ser ontoterapeuta é um grande desafio, que implica uma exigência formativa enorme. Não está enganado! É uma formação que exige muito empenho, dedicação e uma profunda escolha, pois, como disse um dos participantes desta pesquisa, “*não é apenas profissão, é missão*”. É uma formação que envolve significativo comprometimento de estudo e estilo de vida; um percurso longo, de contínua revisão de si mesmo e do próprio contexto circunstante. Conforme indica Meneghetti (2015, p. 231): “quem decidir ser grande na arte da psicoterapia deve fazer uma drástica metanoia” – coragem, coerência, estudo e abertura na direção de si mesmo, para, a partir disso, ser serviço de valor ao desenvolvimento de outras inteligências.

Enquanto estrutura, a formação conduzida por Meneghetti respeitava uma lógica de tripé de formação, como também se pode observar em outras propostas ou escolas de formação em Psicoterapia. Estão presentes no percurso conduzido: a psicoterapia individual, a supervisão e o estudo teórico. A proposta de uma identidade formativa em Ontoterapia se constrói a partir desta consideração e aponta os específicos e

¹⁵ Evidência, do latim *ex-vidente*: “o que resulta da experiência daquele que vê. Implica uma exata relação de coincidência entre o objeto aberto e o íntimo de quem vê. O Em Si do objeto e a ideia ou forma de quem olha coincidem a ponto de consentir a reversibilidade entre objeto e ideia” (MENEGETTI, 2012, p. 115).

distintos elementos propostos pela Escola Ontopsicológica acerca de cada um deles.

O conjunto dos resultados e discussões permitem caracterizar uma identidade formativa em Ontoterapia e fornece subsídios e critérios para se avançar nesse campo. Seguramente, esses resultados não exaurem a temática em estudo, pelo contrário, são uma abertura de compreensão àqueles que se interessam pela formação em Psicoterapia.

Referências

ACCORSI, Â. **Psicoterapia Ontopsicológica: a formação do ontoterapeuta.** Curitiba: Appris, 2021.

ANDREOLA, M. T. Quando il técnico di salute diventa alimento della patodinamica ecossistêmica del cliente. *In: CONGRESSO MONDIALE, 1., 1998 INTERNAZIONALE DI ONTOPSCOLOGIA, 15., 1998. Anais [...].* Mosca: Psicologica Editrice, 1998.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ONTOPSCOLOGIA (ABO). **ABO 30 anos.** Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015.

BERNABEI, P.; ZOPPOLATO, A. Dossiê Antonio Meneghetti: uma viagem de sucesso. **Revista Nova Ontopsicologia**, Recanto Maestro, n. 2, a. 25, p. 3-6, mar. 2008.

CHAUÍ, M. **Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles.** 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

DE FILIPPO, T. M. Como alguém pode tornar-se psicanalista? **Fractal: Revista de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 409-420, dez. 2008.

DUTRA, E. Formação do psicólogo clínico na perspectiva fenomenológico-existencial: dilemas e desafios em tempos de técnicas. **Revista da Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 19, n. 2, p. 205-211, dez. 2013.

FERRAZ, F. C. Transmissão e formação: apontamentos sobre o tripé analítico. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 47, n. 86, p. 87-102, jun. 2014.

FIGUEIREDO, L. C. **Revisitando as psicologias: da epistemologia à ética nas práticas e discursos psicológicos.** São Paulo: EDUC; Petrópolis: Vozes, 1996.

HUSSERL, E. **A crise da humanidade europeia e a filosofia.** Porto Alegre: EdiPUCRS, 2012.

JUNG, C. G. **A prática da psicoterapia: contribuições ao problema da psicoterapia e à psicologia da transferência.** 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

MACEDO, R. M. S. Psicologia clínica: uma conceitualização. *Jornal do Psicólogo*, Belo Horizonte, p. 3, jul./ago. 2004.

MENEGHETTI, A. **Io odio il transfert.** Roma: Ontopsicologica Editrice, 1982.

MENEGHETTI, A. **Psicoterapia e società: immagini e scritti di un**

pensiero. Roma: Psicologica Editrice, 1989.

MENEGHETTI, A. **Lições de Leningrado: uma introdução à Ontopsicologia.** Porto Alegre: ABO, 1993.

MENEGHETTI, A. Monocultura diática e pluricultura panista. **Revista Semestral de Ontopsicologia**, Porto Alegre, n. 8, abr. 1994.

MENEGHETTI, A. **Ontopsicologia e attività psichica.** Roma: Psicologica Editrice, 1996.

MENEGHETTI, A. **Em Si do homem.** 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editrice, 2004.

MENEGHETTI, A. **Esquizofrenia na ótica ontopsicológica.** Recanto Maestro: Ontopsicológica Editrice, 2005a.

MENEGHETTI, A. **Ontopsicologia clínica: uma nova abordagem.** 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editrice, 2005b.

MENEGHETTI, A. **Psicossomática na ótica ontopsicológica.** Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2005c.

MENEGHETTI, A. **Manual de Melolística.** 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2005f.

MENEGHETTI, A. **Nova Fronda Virescit:** introdução à psicoterapia ontopsicológica, instrumentos e aplicações. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editrice, 2006a. v. 2.

MENEGHETTI, A. **A cozinha viva.** 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editrice, 2006b.

MENEGHETTI, A. **Manual de ontopsicologia.** 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010.

MENEGHETTI, A. **Dicionário de ontopsicologia.** 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

MENEGHETTI, A. **Genoma ôntico.** 3. ed. Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.

MENEGHETTI, A. **Residence ontopsicológico.** 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015.

MENEGHETTI, A. **Antonio Meneghetti sobre... Jovens e a realidade cotidiana.** Recanto Maestro: Fundação Antonio Meneghetti, 2017.

MENEGHETTI, A. **ISOMaster como empresário do ser.** Recanto Maestro: Fundação Antonio Meneghetti, 2018.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

NAZARRO, R. Esatezza clinica dopo l'abreazione dello stereotipo socio-familistico. *In:* **CONGRESSO INTERNAZIONALE DI ONTOPSICOLOGIA**, 15., 1998. *Anais* [...]. Mosca: Psicologica Editrice, 1998.

QUAYLE, J. Reflexões sobre a formação do psicólogo em psicoterapia: estado da arte e desafios. **Psicologia, Ensino e Formação**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 99-110, 2010.

ROGERS, C. R. **Tornar-se pessoa**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

VIDOR, A. **Fenomenologia e ontopsicologia**: de Husserl a Meneghetti. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.

VIDOR, A. **Opinião ou ciência**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

VIDOR, A. [Depoimento em vídeo]. *In*: **ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ONTOPSICOLOGIA (ABO)**. *Antonio Meneghetti: um maestro pela cultura humanista brasileira*. Recanto Maestro: ABO, 2015.

VIDOR, A. **O fundamento da ciência**. Recanto Maestro: Ontopsicológica, 2018.